

## PROJETO DE INTERVENÇÃO “DA SAVANA AO CERRADO”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA ESCOLA DO SUL MARANHENSE

Carliane Silva Martins <sup>1</sup>  
Vanessa Nunes da Silva <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo apresenta o relato de experiência vivenciado durante o Estágio Curricular Supervisionado realizado no contexto da Educação Infantil com alunos do pré-escolar II, em uma escola pública localizada em Carolina, uma cidade do sul maranhense, durante o mês de novembro de 2021, no período em que se comemora a semana da Consciência Negra no Brasil. O projeto de intervenção pedagógica idealizado com o objetivo de promover uma educação antirracista na educação infantil, por meio da apresentação e valorização da cultura africana e afro-brasileira teve em seu desenvolvimento elementos lúdicos e interativos que possibilitaram a aproximação dos alunos participantes com o tema proposto. A partir dessa experimentação no campo de estágio foi possível refletir sobre as contribuições da adoção de uma educação antirracista desde o início da vida escolar, bem como possibilitou refletir sobre a importância do estágio supervisionado para o licenciando em Pedagogia, uma vez que o estagiário tem a oportunidade de experimentar na prática os prazeres e dissabores do fazer docente.

**Palavras-chave:** Estágio supervisionado, Projeto de intervenção, Educação infantil, Educação antirracista, Cultura africana e afro-brasileira na educação.

### INTRODUÇÃO

“Tia, onde está o lápis cor de pele?”, disse uma aluna no primeiro dia de regência no estágio curricular supervisionado. Essa pergunta tem a capacidade de atravessar existências de um modo muito particular e que somente pessoas de pele preta podem entender. Pensar sobre como o colorismo reflete as escolhas e modos de agir é algo que perpassa desde muito cedo corpos negros, quando na escola, os alunos são naturalmente levados a pintar corpos e rostos com o lápis de cor clarinha, quase rosado, para representar a pele dos personagens de suas histórias.

---

<sup>1</sup> Bacharela em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA e Graduanda do Curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, carlianemartins@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora orientadora: Mestre em Educação pela Universidade Federal do Tocantins – UFT e professora da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, vanessanead@hotmail.com.



O ideal seria narrar aqui nesta introdução que após mais de 25 anos depois da passagem desta estagiária pela educação infantil, as coisas teriam mudado, mas infelizmente não foi o que ocorreu. A cor que a criança procurava ainda era a mesma que outrora foram utilizadas por muitos outros meninos e meninas no ambiente escolar: o lápis cor de pele – que não representa todos os tons e subtons desta cartela multicolor que é o Brasil.

Essa questão foi o mote para a reestruturação do projeto de intervenção a ser desenvolvido na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado do Curso de Pedagogia Licenciatura, da Universidade Estadual do Maranhão, para que deste modo, fosse possível contribuir com uma luta que não é apenas de uma única raça/etnia, mas uma luta de todos que prezam pela pluralidade de ideias, cores e formas.

Compreende-se que a pergunta inocente daquela aluna não carregava preconceitos tal qual é enfrentado diariamente por pessoas negras no Brasil e no mundo, mas é possível compreender também que a estrutura que alimenta o racismo na sociedade é forjada por pequenas ações e que por isso é preciso enfrentar desde cedo concepções como esta que passam despercebidas no dia a dia.

Introduzir um assunto como este para crianças tão pequenas não é fácil, mas é possível. Por esse motivo, desde os primeiros dias foram trabalhadas questões como respeito, igualdade, diferenças, diversidade e identidade. A partir daí, foi possível na última semana de estágio, durante a semana da Consciência Negra, apresentar por meio de leituras, brincadeiras, oficinas e atividades em sala de aula a importante contribuição do povo africano e afro-brasileiro para este país.

A valorização e o resgate da cultura do povo negro na educação se justificam, inicialmente, pelo processo histórico-social que influenciou na construção do Brasil enquanto estado-nação e na constituição da identidade do próprio povo brasileiro. Justificam-se também pela necessidade de trabalhar desde os anos iniciais a prática de uma educação antirracista que promova por meio do conviver, do brincar, do participar, do explorar, do expressar e do conhecer – eixos estruturantes da educação infantil – o respeito aos povos de origem africana e seus descendentes (BRASIL, 2018).

Outro ponto importante que justificou a aplicação deste projeto é a problemática da autoafirmação de pessoas negras no Brasil associado à miscigenação e ao colorismo. A miscigenação do povo brasileiro traz consigo inúmeros tons de pele e fenótipos distintos, sendo difícil para algumas pessoas se reconhecerem e se autodeclararem pretos ou pardos. Isso acontece por vários fatores, como o racismo e a ausência de consciência da própria origem familiar.



Para o desenvolvimento do projeto de intervenção, fez-se necessário a leitura de grandes nomes da luta antirracista como, por exemplo, os autores Silvio de Almeida e Djamilia Ribeiro bem como buscou-se levar para a sala de aula livros infanto-juvenis escritos por autores negros e autoras negras e/ou com personagens de pele preta, a exemplo dos livros *Amoras*, do autor Leandro Roque de Oliveira (Emicida) e *O pequeno príncipe preto*, do autor Rodrigo França.

Apesar de considerar importante o combate a práticas racistas no contexto escolar desde os anos iniciais, termos como racismo ou discriminação racial não foram abordados em sala de aula, visto que o projeto desde sua concepção se propôs a promover a valorização da cultura africana e afro-brasileira, portanto, adotou-se a postura de exaltação do povo negro para combater o racismo e discriminações por conta da cor da pele ou demais fenótipos negroides.

Almeida (2021, p. 52) afirma que “a mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas”. Deste modo, para colocar em prática uma educação antirracista efetiva foram desenvolvidas atividades que possibilitassem a contextualização do tema proposto.

A necessidade de se trabalhar a cultura africana e afro-brasileira na educação apoia-se na Lei 10.639/2003 que tornou obrigatória a inclusão da temática História e Cultura Afro-Brasileira no currículo da rede de ensino pública e particular (BRASIL, 2003).

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (BRASIL, 2003).

Apesar da Lei 10.639/2003 explicitar que a adoção obrigatória do ensino da História e Cultura Afro-brasileira seja no Ensino Fundamental e Médio, entende-se que levar esse conteúdo para Educação Infantil é extremamente relevante, pois a segunda infância iniciada aos três anos de idade é uma fase de grandes descobertas para a criança e de reconhecimento do mundo a sua volta. Coelho (2014, p. 78) explica que “a escola oferece mais possibilidades de promover as relações sociais em comparação com a interação dentro de casa. O papel da escola, portanto, não pode ser restringido à instrução, mas ajuda a formar a criança e o ser humano”. Por isso o ambiente escolar se faz tão importante, pois oportuniza o diálogo e a troca de experiências com diferentes atores sociais e possibilita às crianças uma aproximação a conceitos como igualdade, diversidade e respeito. Contribuindo, desse modo, com a criação

de laços de amizade e empatia. Por outro lado, se a escola deixa de realizar esse papel as crianças podem demorar a desenvolver essas habilidades de convívio social, podem, inclusive, reforçar práticas discriminatórias ou segregadoras. Djamilia Ribeiro (2019), descreve sua experiência escolar e evidencia as diferenças vivenciadas por crianças brancas e pretas.

Desde cedo, pessoas negras são levadas a refletir sobre sua condição racial. O início da vida escolar foi para mim o divisor de águas: por volta dos seis anos entendi que ser negra era um problema para a sociedade. [...] O mundo apresentado na escola era o dos brancos, no qual as culturas europeias eram vistas como superiores, o ideal a ser seguido. Eu reparava que minhas colegas brancas não precisavam pensar o lugar social da branquitude, pois eram vistas como normais: a errada era eu. Crianças negras não podem ignorar as violências cotidianas, enquanto as brancas, ao enxergarem o mundo a partir de seus lugares sociais – que é de um lugar de privilégio – acabam acreditando que esse é o único mundo possível (RIBEIRO, 2019, p. 23-24).

Se as pessoas negras sentem desde muito cedo o peso de ser negro no Brasil e no mundo, por que não trazer tais temas desde a educação infantil? Diante desse cenário, a introdução de uma educação antirracista desde o início da vida escolar torna-se cada vez mais relevante. Ferreira (2006) define a educação antirracista como sendo um apanhado de estratégias nos campos organizacionais, curriculares e pedagógicas cujo objetivos são a promoção da igualdade racial e a eliminação das diversas formas de opressão e/ou discriminação direcionadas à população negra, seja no campo constitucional ou individual. Assim, buscando orientar as tomadas de decisões durante a execução do projeto de intervenção foram definidos os seguintes objetivos: promover uma educação antirracista na educação infantil por meio da apresentação e valorização da cultura africana e afro-brasileira; apresentar aspectos da cultura africana e afro-brasileira estimulando sentidos sonoros e visuais; reforçar conceitos de respeito, igualdade, diferenças e diversidade; e estimular o autorreconhecimento dos alunos em relação à própria identidade.

## **METODOLOGIA**

Em relação aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa descritiva, por isso, optou-se pelo relato de experiência a fim de proporcionar maior detalhamento das vivências experimentadas durante o estágio curricular supervisionado. A pesquisa descritiva, segundo Gil (2008, p. 28), “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Buscou-se compreender, inicialmente, por meio de pesquisa bibliográfica termos e conceitos como racismo, antirracismo, colorismo, dentre outras definições relevantes para a

compreensão do tema aqui proposto. De acordo com Lakatos e Marconi (2019, p. 200), “a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo [...]”. Recorreu-se, também, à pesquisa documental para investigar sobre o que versa a legislação brasileira em relação ao ensino da cultura africana e afro-brasileira no espaço escolar.

Em seguida, iniciou-se o processo de investigação das atividades mais pertinentes para a realização efetiva do projeto. Para tanto, foram realizadas pesquisas em *sites*, *blogs*, plataformas de vídeo como *YouTube*, etc. Ao fim dessa etapa, foram selecionadas algumas atividades descritas a seguir:

- Roda de leitura;
- Oficina de instrumentos musicais de origem africana;
- Aula expositiva e dialogada por meio da apresentação de vídeo sobre o continente africano;
- Oficinas de colagem e pintura;
- Oficina de brincadeiras de origem africanas.

A execução do projeto de intervenção aconteceu durante a semana da Consciência Negra, entre os dias 16 e 19 de novembro de 2021, em uma escola localizada no sul do estado do Maranhão, na cidade de Carolina, no coração da Chapada das Mesas, em uma região do estado onde a vegetação predominante é o cerrado.

### **Caracterização do campo de estágio:**

A escola, campo de estágio onde o projeto foi aplicado fica localizada em Carolina, uma cidade do sul maranhense que encontra-se a cerca de 800 quilômetros da capital São Luís. Carolina é turisticamente conhecida por suas belíssimas cachoeiras e pelos “platôs” rochosos que lembram mesas. A cidade abriga muitas belezas naturais que estão localizadas no Parque Nacional da Chapada das Mesas, um local rico em biodiversidade e que tem o cerrado como bioma predominante. O Parque criado em 2005, por meio de decreto federal, protege quase 160.000 hectares de cerrado no centro-sul do Estado do Maranhão, dentre os municípios maranhenses protegidos estão: Carolina, Riachão, Estreito e Imperatriz (BRAGA, 2021).



O campo de estágio faz parte da rede municipal de ensino, na época da aplicação do projeto a escola possuía três salas de aula ativas e um total de 54 alunos, distribuídos apenas no turno matutino. O corpo docente era formado por quatro professoras, sendo três professoras titulares e uma professora volante/auxiliar, deste quantitativo apenas a professora auxiliar não tinha formação em Pedagogia. A escola se encontrava, de maneira geral, bem preservada, com instalações relativamente novas e com serviço de manutenção frequente. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI), “o espaço na instituição de educação infantil deve propiciar condições para que as crianças possam usufruí-lo em benefício do seu desenvolvimento e aprendizagem” (BRASIL, 1998, p. 69). Nesse contexto, a escola atendia de maneira satisfatória, pois notou-se a preocupação constante do corpo escolar em propiciar um ambiente acolhedor e seguro para as crianças.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Este relato de experiência ambienta-se durante o período de estágio curricular supervisionado e durante a aplicação do projeto de intervenção pedagógica, tais atividades foram realizadas em sala de aula com 15 (quinze) alunos da turma do pré-escolar II, no turno matutino, sob a supervisão da professora titular da turma. Durante esse período foram desenvolvidas diversas atividades teóricas e práticas visando contribuir com a aprendizagem dos alunos acerca do tema proposto. Para tanto, durante as duas primeiras semanas de regência, a estagiária pôde contribuir com a sequência didática desenvolvida pela professora, ao mesmo tempo em que inseriu gradativamente o assunto a ser desenvolvido durante o projeto. Por fim, na última semana de regência, iniciou-se a etapa de execução da atividade de intervenção onde foram apresentados à turma aspectos da cultura africana e afro-brasileira, conforme definido no processo de planejamento do Projeto de Intervenção.

Após as observações realizadas na primeira semana de estágio e no sentido de prosseguir com o trabalho coordenado pela professora titular, as aulas foram direcionadas para colaborar com a aprendizagem dos alunos nos pontos em que eles apresentavam maiores dificuldades. Outro fator determinante para a escolha das atividades se deu em virtude desses alunos estarem de saída da etapa da Educação Infantil, adentrando no ano seguinte no Ensino Fundamental.

Antes da apresentação das atividades desenvolvidas, vale ressaltar alguns fatores importantes para essa tomada de decisão. Primeiro fator: a turma do pré-escolar II era composta por alunos com diferentes níveis de aprendizagem, a própria professora titular

afirmou em diversas ocasiões que aquela sala parecia com as ditas salas multisseriadas, devido a heterogeneidade da turma; segundo fator: a pandemia agravou ainda mais essas diferenças, pois muitas famílias deixaram de acompanhar o desenvolvimento escolar da criança e/ou não compareciam à escola para recolher as atividades para casa organizadas pelas professoras; terceiro fator: mesmo após o retorno das aulas presenciais algumas crianças seguiram ausentes e/ou com baixa frequência escolar.

Na perspectiva, portanto, de auxiliar esses alunos nesse processo de readaptação ao conteúdo escolar, optou-se por trabalhar o reconhecimento do alfabeto e os numerais de 0 a 20. Para isso, durante o período de regência todas as aulas contemplaram a apresentação, em alguma medida, das letras e dos números.

Além do conteúdo descrito acima, outros temas foram explorados durante as aulas, são eles: amizade, empatia, respeito, diferenças, igualdade e diversidade. Esses assuntos foram trabalhados a fim de colaborar com as atividades do projeto de intervenção aplicado na última semana do estágio.

As aulas desenvolvidas durante o período de regência foram planejadas previamente durante o período de observação e adaptadas de acordo com a necessidade da turma, levando em consideração os objetivos específicos a serem alcançados e a idade dos alunos participantes do projeto, que na época tinham entre 5 e 6 anos de idade.

Na última semana de estágio foram executadas as atividades referentes ao projeto de intervenção intitulado: **Da savana ao cerrado: descobrindo e (re)conhecendo a cultura africana e afro-brasileira por meio da leitura, brincadeiras, cores e sons**. A escolha do título do projeto de intervenção originou-se a partir dos biomas savana e cerrado, característicos do continente africano e da cidade de Carolina, respectivamente.

As atividades aplicadas no primeiro dia do projeto de intervenção aconteceram no dia 16 de novembro de 2021 com a apresentação do continente africano: por meio dos costumes, cultura e curiosidades da África e do povo daquele local. Foi uma aula expositiva e dialogada por meio da exibição de um vídeo produzido pela estagiária e posterior roda de conversa sobre os elementos exibidos no material audiovisual. Em seguida, iniciou-se a oficina de colagem, na ocasião os alunos foram orientados a colar peças de roupas inspiradas no tecido tradicional do povo Ashanti, o *Kente*, em dois personagens impressos em papel sulfite.

A aula ocorrida no dia 17 de outubro de 2021 teve como objetivo reforçar conceitos de respeito, igualdade, diferenças e identidade através da leitura dos livros: **Amoras**, do autor Emicida e **O Pequeno Príncipe Preto**, do autor Rodrigo França. Foi uma aula dialogada por meio de roda de leitura e conversas seguida de oficina de pintura. Os alunos foram

estimulados a expressar sua criatividade ao colorir dois personagens negros da Turma da Mônica: **Milena** e **Jeremias**. Nessa atividade, a estagiária disponibilizou diferentes tonalidades de giz de cera e lápis de colorir nas cores marrom e preto.

A penúltima aula aconteceu em 18 de outubro de 2021, nessa aula foram apresentados os instrumentos musicais: **tambor** e **kabuletê** relacionando com a cultura africana e afro-brasileira. A metodologia utilizada consistiu em uma aula expositiva e dialogada, seguida de oficina de produção dos dois instrumentos musicais de origem africana supracitados.

Por fim, o último dia de estágio se deu em 19 de novembro de 2021. A finalização do estágio e do projeto de intervenção teve reforço dos assuntos discutidos durante a semana da Consciência Negra, teve também o momento de despedida dos alunos e oficina de brincadeiras de origem africana. Para reflexão dos temas abordados durante a Semana da Consciência Negra foi realizada uma aula dialogada seguida de roda de leitura, para tanto, utilizou-se o livro **O caderno sem rimas da Maria**, do autor Lázaro Ramos. Em seguida, as crianças foram convidadas a participar de três brincadeiras de origem africanas: **Terra-Mar**, **Mamba** e **Da Ga**.

A realização do estágio curricular supervisionado foi cheia de dificuldades, dentre elas pode-se destacar a elaboração dos recursos didáticos para aplicação durante as aulas, isso ocorreu por ser um espaço curto de tempo para a realização das atividades e concomitante ao desenvolvimento dos trabalhos de outras disciplinas do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual do Maranhão – Campus Balsas. Apesar dessa problemática, foi muito satisfatório planejar e executar essas atividades, pois essa experiência possibilitou descobertas de habilidades ainda não experimentadas.

Outra dificuldade que afetou negativamente o bom desempenho das atividades foi a constante ausência dos alunos durante o período do estágio. Alguns só acompanharam uma ou outra atividade, não assistindo regularmente as aulas. Ainda assim, acredita-se que aqueles que se fizeram mais presentes conseguiram absorver muito dos conteúdos apresentados, tal avaliação ocorre, principalmente, pela observação da interação da turma nas atividades propostas.

Acredita-se que a adesão dos alunos nas atividades se deu principalmente porque eles não tinham acesso a muitas atividades interativas, basicamente eram apenas atividades em folhas impressas ou por meio das cartilhas e livros didáticos. Além disso, a escola ainda utiliza o método fônico, de memorização e repetições silábicas, tendo assim pouca contextualização com a vivência das crianças fora do contexto escolar.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o conteúdo apresentado durante o projeto são apenas pequenos fragmentos da grandiosa cultura negra por meio da aplicação das oficinas, rodas de leitura e diálogos durante as aulas, os alunos puderam desfrutar do contato com elementos dessa cultura de forma lúdica e divertida.

Considerando o desenvolvimento profissional e acadêmico proporcionado no estágio curricular supervisionado com base nessas experiências descritas neste artigo, afirma-se que esta etapa da graduação é fundamental para que o licenciando adquira habilidades que as aulas teóricas não conseguem dimensionar.

Considerando as limitações impostas pelos diversos entraves que ocorreram durante o estágio, acredita-se que na ausência desses problemas a experiência dos alunos da escola-campo poderia ser muito mais significativa, no entanto, tais dificuldades contribuíram para o aprimoramento das habilidades desenvolvidas pela estagiária enquanto futura pedagoga.

Foi notório o quanto a inserção das atividades propostas durante esse período contribuíram para a construção de saberes dos alunos do campo de estágio, o que acaba por se tornar um incentivo para que atividades como estas continuem a ser elaboradas.

Deste modo, é importante reafirmar que essa experiência possibilitou a aquisição de confiança para os próximos desafios que ainda serão enfrentados até o final da graduação em Pedagogia e, posteriormente, durante o exercício profissional na sala de aula.

Por fim, considera-se que essa oportunidade foi determinante para a reafirmação do perfil profissional que se almeja seguir daqui em diante.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2021. Coleção Feminismos Plurais.

BRAGA, Cristiano Marinho. **História, memória e identidade**: a utilização de imagens em rede social e na sala de aula. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Formação Docente em Práticas Educativas/csst, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2021. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/História-memória-identidade/> Acesso em: 26 fev.2022.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.



BRASIL. Lei N. 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei N. 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm) Acesso em: 03 nov.2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC-versaofinal_site.pdf) Acesso em: 07 nov.2021.

COELHO, Wilson Ferreira. **Psicologia da educação**. – São Paulo: Education do Brasil, 2014. (Coleção bibliografia universitária Pearson)

FERREIRA, A. J. **Formação de professores raça/etnia**: reflexões e sugestões de materiais de ensino em português e inglês. 2ª ed., ver. – Cascavel: Assoeste, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3ª reimpr. São Paulo: Atlas, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.